

## **PIERRE BOURDIEU: DOS PRESSUPOSTOS DA CIÊNCIA À CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.**

Autor (Anderson Clay Rodrigues); Orientador (Prof. Dr. Mauro Gomes da Costa)  
*Universidade do Estado do Amazonas – UEA; [anderson\\_clay@hotmail.com](mailto:anderson_clay@hotmail.com); [semogcosta@yahoo.com.br](mailto:semogcosta@yahoo.com.br)*

### **Resumo**

Este artigo apresenta os principais elementos da construção do campo científico à luz da literatura do sociólogo francês Pierre Félix Bourdieu (1930-2002). O intuito deste estudo é compreender o perfil epistemológico que norteiam o pensamento científico para embasamento da concepção filosófica do objeto de pesquisa. A base metodológica apresenta características próprias da pesquisa bibliográfica com revisão literária e produção textual, a partir da concepção de Ciência do autor. Por fim, consideramos que a pesquisa necessita de aprofundamento teórico na busca de solução ao (s) problema (s) apresentado (s) no decorrer da investigação.

**Palavras-chave:** Ciência; Campo científico; Concepção filosófica.

## INTRODUÇÃO

A sinopse do livro *Para uma sociologia da Ciência* anuncia justamente a essência da nossa intenção na abordagem do desenvolvimento do campo científico por Pierre Bourdieu (2004), ao registrar:

*Pareceu-me necessário submeter a ciência a uma análise histórica e sociológica (...), para permitir aos que fazem ciência compreender os mecanismos sociais que orientam a prática científica, tornando-se assim “donos e senhores”, não só da “natureza” – velha ambição cartesiana – mas também e, não menos difícil, do mundo social no qual se produziu o conhecimento da natureza.*

Este estudo tem por base a análise da epistemologia do sociólogo francês Pierre Félix Bourdieu (1930-2002) apresentada no capítulo *Um mundo à parte*, o qual trata da construção do campo e fatos científicos desenvolvidos a partir dos fatos sociais. Portanto, o objetivo deste trabalho é compreender o perfil epistemológico que norteia o pensamento científico de Bourdieu para, em seguida, relacionar com a concepção filosófica do objeto de pesquisa.

O trabalho pautou-se na reflexão das ideias do autor para elaboração de um texto descritivo, a partir dos elementos distribuídos nos tópicos: Autonomia e requisitos de admissão; O capital científico, suas formas e distribuição; Um conflito regulado; História e verdade; os quais estão dispostos no decorrer da abordagem relacionado à Ciência e o projeto de pesquisa.

## METODOLOGIA

O estudo traz um recorte da obra *Para uma Sociologia da Ciência* de Pierre Bourdieu com análise do capítulo *Um mundo à parte*. Foi construído a partir da revisão literária e produção textual, além articular o estudo ao projeto de pesquisa, a partir da concepção de Ciência do autor.

Para tanto, a base metodológica apresenta características próprias da pesquisa bibliográfica, uma vez que recorremos ao material teórico disponível para o estudo, compatível com a definição de Gil (2002, p. 44) ao mensurar que “a pesquisa bibliográfica com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Com isto, faremos análise no arcabouço teórico recomendado no decorrer das aulas da disciplina Bases Epistemológicas do Ensino de Ciências, ministrado pelo prof. Dr. Mauro Gomes, do curso de

## **PARA UMA SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA - PIERRE BOUDIEU**

### **1. UM MUNDO À PARTE**

Na análise do pensamento de Bourdieu (2004) é recorrente a abordagem dos fatos sociais como um produto resultante do meio social os quais não apresentam neutralidade; há sempre posicionamentos firmes diante do que visualizamos como essencial no seu estudo. Outro fator interessante é a frequência com que o autor apresenta referências à hierarquia e ao poder em torno da estrutura do seu pensamento.

Partindo da construção do campo de pesquisa, observamos a referência à *noção de campo útil*, conforme Bourdieu (2004, p. 67) alerta para a ampliação da percepção quanto à possibilidade de que “permite romper com pressupostos tacitamente aceites pela maioria dos que se interessam pela ciência”. Afirmar ainda que é necessário a “contestação da <<ciência pura>> totalmente autônoma e que se desenvolve segundo a sua lógica interna, e também da ideia de <<comunidade científica>>”. Portanto, é indispensável romper com as ideias do modelo cartesiano, transformando a ciência num campo acessível a diferentes propostas de estudos.

Kuhn (2009, p. 38) revela que “para ser aceita como paradigma, uma teoria deve parecer melhor que suas competidoras, mas não precisa (e de fato isso nunca acontece) explicar todos os fatos com os quais pode ser confrontada”. O processo de ruptura requer tomada de decisão para quebra de paradigmas, conforme Kuhn (2009, p. 13), acrescenta:

Considero “paradigmas” as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante, algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência.

Com isto, reconhecemos que o dinamismo das teorias e das descobertas sejam saudáveis em um campo de estudo, sendo necessário a inovação dos processos para o surgimento de outras formas de construção dos fatos científicos de acordo com a exigência social. Assim, recorremos a Kuhn (2009, p. 14) que pondera:

Cada revolução científica altera a perspectiva histórica da comunidade que a experimenta, então esta mudança de

perspectiva deveria afetar a estrutura das publicações de pesquisa e dos manuais do período pós-revolucionário.

É importante afirmar que a validade de uma teoria diante da comunidade científica é significativa, contudo, temporária até que seja superada por outra que seja considerada verdadeira. Neste aspecto, a verdade relacionada à ciência é produzida de acordo com a necessidade da predominância de quem está no comando do processo. Nesse caso, observamos que para Bourdieu (2004, p. 10) “a verdade é o conjunto das representações consideradas verdadeiras por serem produzidas segundo as regras que definem a produção da verdade”.

Para compreensão da caracterização do campo de estudo, que é o eixo central da proposta apresentada da teoria, buscamos a definição em Ferreira (2010 p. 132) que descreve como “área ou setor de conhecimento ou atividade no âmbito, domínio, esfera campo de ação”. Com esta definição situamos nossa análise para entendimento da ideia de campo atrelada à possibilidade de estar submetido a um grupo que segue uma organização onde vivencia contradições, conflitos e competições internas.

Segundo Bourdieu (2004, p. 68), os interesses comuns formam uma <<comunidade>> organizada pelo “monopólio da manipulação legítima dos bens científicos, ou seja, mais exatamente, do bom método, bons resultados, boa definição dos fins, objetos e métodos da ciência”, em uma avaliação crítica da realidade da noção de campo. E continua afirmando que:

Os cientistas têm em comum características que, em certos aspectos, os unem e, noutros aspectos, os separam, os dividem, os opõem – fins, por exemplo, mesmo os mais nobres, como encontrar a verdade ou combater o erro, e também tudo o que determina e possibilita a competição, como uma cultura comum, que também é uma arma nas lutas científicas (BOURDIEU, 2004, p. 68).

No campo, seguindo a mesma causa, as condições do grupo se submetem a desafios que fortalecem e garantem o processo de amadurecimento das relações. A causa de aproximação é definida principalmente pela grande afinidade como o campo de atuação ou espaço que os atrai para desenvolver suas habilidades e compartilhar conhecimentos. Muitas das relações em um campo geram <<corporativismo>>, conforme define Ferreira (2010, p. 202), trata-se:

1. Doutrina ou prática de organização social baseada em entidades representadas de categorias profissionais.

2. Defesa dos interesses ou privilégios de um setor organizado da sociedade em detrimento do interesse público.

Além de defender a mesma causa, a noção de campo também está relacionada à posição que os membros ocupam, como Bourdieu (2004, p. 69) orienta que “para compreender como funciona, seria necessário tomar em consideração as posições ocupadas no campo por aqueles que fazem parte dela e que a dirigem”. Considerando a posição ocupada em um campo, o autor atribui o grau de autonomia de seus membros, como apresenta:

A autonomia não é um lado, mas uma conquista histórica, sempre renovada. Esquecemos isto facilmente no caso das ciências da natureza, porque a autonomia está inscrita, em simultâneo, na objectividade das estruturas do campo e também nas mentes, na forma de teorias e métodos incorporados que voltaram ao estado prático (BOURDIEU, 2004, p. 70).

O grau de autonomia conquistada diante do grupo é considerado requisito de admissão e de sua permanência, isto garante ser aceito pelos outros, a partir do que produz em termos de conhecimento, como Ferreira (2010, p. 81) cita, ser “faculdade de se governar por si mesmo”. Portanto, a aceitação depende do grau de confiança adquirida perante os demais. Isso gera reconhecimento, sendo, segundo Bourdieu (2004, p. 74),

O requisito de admissão é, portanto, a competência, mas uma competência como recurso teórico-experimental materializado, tornado sentido do jogo ou *habitus* científico como domínio público de vários séculos de investigações e de dados da investigação – na forma, por exemplo, de um sentido dos problemas importantes, interessantes ou de um arsenal de esquemas teóricos e experimentais que se podem aplicar, por *transfert*, a novos domínios.

O que caracteriza um campo é a representação que apresenta a organização institucionalizada, que se baseia em práticas do universo do conhecimento e também aos organismos da estrutura de produção. Bourdieu (2004, p. 74) demonstra a dualidade do mundo científico como “de um lado, os investigadores ligados à universidade e, do outro, o corpo de engenheiros que se dota das suas próprias instituições, caixas de aposentação, associações, etc.”.

No campo científico, a conversa entre os pares é definida como oportunidade de divulgação científica de pesquisas que geram

credibilidade ao trabalho do outro, valorização do que buscam em uma investigação. Portanto, Bourdieu (2004, p. 76) mensura que “a legitimidade do conhecimento depende de uma presença pública em certas fases da produção do conhecimento”.

O estudo do contexto educacional revela a possibilidade de mostrar ao universo acadêmico e às organizações sociais as potencialidades de crescimento de mecanismos que supram o processo de modernização do campo em evidência. Nesta ótica, ao invés de competir, o ideal é unir forças para fortalecer a prática do conhecimento. Assim, é preciso resgatar o valor do processo educativo, tendo em vista que, de acordo com Bourdieu (2004, p. 77):

Pode-se afirmar que, no estado actual do campo científico, é produto da acção do sistema escolar e da família, o que faz dele uma disposição parcialmente hereditária. Verifica-se também que quanto mais observamos as instituições escolares que preparam para as carreiras menos lucrativas, como as carreiras científicas – a École normale supérieure, por exemplo, por posição à École polytechnique, à École nationale d’administration ou à École des hautes études commerciales -, maior é o número de alunos oriundos de famílias que pertencem ao universo escolar e científico.

Pela lógica capitalista de mercado, se não há lucros, não há reconhecimento, gerando o que Bourdieu (2004, p.78) atribui o campo ideal com <<desinteresse lucrativo>>, sendo necessária a ação lógica do conhecimento de transpor paradigmas com a concepção de que “[...] é a troca de dádivas, assentada na negação forçada do interesse lucrativo; a dádiva pode – e, em determinado aspecto, deve – ser vivida como acto generoso sem contrapartida [...]”.

Diante de todo o conhecimento latente no campo investigativo está sujeito às influências de interesses e ambições que não podem ser desconsideradas do processo, portanto, um olhar refinado para o combate dessas práticas é indispensável e não podemos nos esquivar perante dos seus efeitos. Disso, Bourdieu (1982, 2001b) resgata essas relações de forças ao afirmar que “o poder simbólico de tipo científico exerce-se apenas sobre agentes que têm as categorias de percepção necessárias para o conhecer e reconhecer”. Além disso, lembra as características principais da percepção *duacrítica*, de um poder paradoxal, afirmando que:

O capital simbólico é um conjunto de propriedades distintivas que existe na e pela percepção de agentes dotados de categorias de percepção adequadas, categorias que se adquirem principalmente através da experiência da estrutura da distribuição desse capital no interior do espaço social ou de um microcosmo social particular como o campo científico (BOURDIEU, 2004, p. 80).

E mais, diferencia que:

O capital científico é um conjunto de propriedades que são produto de actos de conhecimento e de reconhecimento realizados por agentes envolvidos no campo científico e dotados, por isso, de categorias de percepção específicas que lhes permitem fazer as diferenças pertinentes, conformes ao princípio de pertinência constitutivo do *homos* do campo (IDEM, 2004, p. 80).

Esta percepção pressupõe uma visão holística do contexto, sendo um elemento que unifica e valoriza as experiências do todo e outro que diferencia e dá destaque a alguns que tenha dado suas contribuições com relevâncias sociais, como no caso, o Prêmio Nobel, exemplo citado por Bourdieu (2004). Quanto maior a produção e relevância do conhecimento construído, maior tornar-se a autoridade no universo da academia frente ao processo do conhecimento. Primar pela qualidade do que se investiga é essencial para a garantia de credibilidade entre os pares, frente ao campo do conhecimento. Neste caso, afirma Bourdieu (2004, p. 81):

O reconhecimento pelos pares que caracteriza o campo tende a produzir um efeito de fechamento. O poder simbólico de tipo científico só se pode exercer sobre o homem comum (como poder de fazer ver e fazer acreditar) se for ratificado pelos outros cientistas – que controlam tacitamente o acesso ao <<grande público>>, através principalmente da divulgação. [O capital político também é um capital simbólico de conhecimento e reconhecimento ou de reputação, mas é obtido junto de todos na lógica do plebiscito.]

Este argumento apresentado serve para nos alertar para a ideia de segregação que pode ocorrer no próprio campo, tendo em vista que o ato de reconhecimento pode caracterizar atendimento a necessidade da individualidade em detrimento da coletividade. Para Santos (2012, p. 11), a questão central do ponto de partida está no social, quando afirma que “partir do social significa partir do humano genérico, das preocupações coletivas, da dimensão na qual se manifestam nossas lutas, realizações e contradições”. Assim, compreendemos que os fatos científicos estão ligados inevitavelmente aos fatos sociais, neste caso, a ciência tem o papel de análise de elementos que resultem em intervenções visando a transformação social.

## **2. A EPISTEMOLOGIA DO CAMPO CIENTÍFICO RELACIONADO AO PROJETO DE PESQUISA.**

Dentro da estrutura do campo é observada a organização com base na hierarquia e poder que existe perante os seus membros envolvidos. A partir disso, é que se constitui as relações de acordo com as posições e disposições contidas no grupo. Nesse aspecto, o campo científico, poderá sofrer influências para intencional ou induzir para o desenvolvimento de uma pesquisa. Para esta situação, Bourdieu (2004, p. 86) afirma:

O que está subjacente ao facto de se escolher este ou aquele tema de tese ou de se orientar nesta ou naquela direção da física ou da química, são duas formas de determinação: do lado do agente, a sua trajetória, a sua carreira; do lado do campo, do lado do espaço objetivo, efeitos estruturais que actuam sobre o agente na medida em que está constituído de maneira a ser <<sensível>> a esses efeitos e a contribuir assim ele próprio para o efeito que se exerce sobre si [...].

De fato, nas universidades a escolha de um tema leva em consideração diversos elementos como: atendimento a um programa específico, identificação do pesquisador, linha de estudo do orientador, etc. Nossa escolha está relacionada ao fato de investigar questões que contribuam para a realidade do estudo, apresentando sugestões ao processo analisado. Portanto, pretendemos interagir com os mecanismos de aprendizagens a partir do nosso questionamento: Os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Educação Integral aprendem Ciências considerando as relações com a tecnologia e sociedade?

Sabemos que não estamos imunes de sofrer as influências externas que interferam no processo de escolhas. Também entendemos que não há escolha casual e que sempre há um elemento motivador na opção do estudo. Dessa forma, nossa temática aborda: “O ensino de Ciências e as relações com a tecnologia e a sociedade no 3º ano de uma escola de educação integral”. A justificativa da escolha gira em torno das condições de desenvolver uma pesquisa de acordo com a afinidade em tratar do tema e também a partir do diálogo mantido com o orientador, onde em conjunto chegou-se à conclusão da importância de sua importância.

No entanto, o poder de influência em muitos casos é inevitável no campo circunscrito e, para tanto, necessitamos estar em alerta para que os efeitos não nos induzam a procedimentos de engessamento. É fundamental seguir os preceitos da *vigilância epistemológica* proposta de Gaston Bachelard<sup>2</sup> (1978) e garantir a rigorosidade científica para responder os questionamentos provenientes dos problemas que surgirem no decurso do trabalho.

A visão pessoal do pesquisador aliada ao conhecimento teórico adquirida mediante estudos, auxilia quanto às divergências de ideias ou



concepções entre membros de determinado grupo. Quanto a isso, Bourdieu (2004, p. 89) comenta que:

Os agentes, com o seu sistema de disposições, com a sua competência, capital e interesses, confrontam-se no interior deste jogo que é o campo, numa luta para fazer reconhecer uma maneira de conhecer (um objeto e um método), contribuindo assim para conversar ou transformar o campo de forças.

Não há atos impensados diante do grupo. Toda ação é intencional visando os interesses de quem a produz. Estar atento a essas indicações nos prepara para a realidade social, pelo poder de interferências que estamos sujeitos a diante da escolha de um tema de estudo, como diz Bourdieu (2004, p. 89):

Os dominantes impõem, de facto, como uma norma universal do valor científico das produções científicas, os princípios que eles próprios utilizam consciente ou inconscientemente nas suas práticas, em especial na escolha dos seus objectos, métodos, etc.

Diante disso, consideramos relevante o desenvolvimento de trabalhos com a adoção de critérios científicos rigorosos para que o campo do conhecimento se propague e transformação social a partir das contribuições da Ciência. Para tanto, pela importância do projeto ou estudo, recorreremos as reflexões epistemológicas de Bourdieu (2004, 99), que entende “a ciência é um imenso aparelho de construção coletiva utilizado coletivamente”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final do estudo das contribuições de Pierre Bourdieu nos fundamentamos em algumas considerações após análise do trecho de sua obra, sendo importantes para compreensão e desenvolvimento do processo:

- Superar o conhecimento empírico para aprimoramento do trabalho acadêmico;
- Avançar na construção do objeto de estudo fundamentado cientificamente;

- Articular o rigor científico com uma abordagem dialética.

Assim, as considerações aqui definidas nos convidam para uma reflexão papel da ciência, do campo científico e do papel do pesquisador, quanto ao universo do conhecimento em que está inserido, a importância do estudo e as descobertas que podem ser instrumentos mudanças na sociedade. Por fim, consideramos que a pesquisa necessita de aprofundamento teórico na busca de solução ao (s) problema (s) apresentado (s) no decorrer da investigação.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da Ciência: Um mundo à parte.** Lisboa: Ed. 70, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O dicionário de Língua Portuguesa.** 8ª ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa.** 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

SANTOS, César Sátilo dos. **Ensino de Ciências: abordagem histórico-crítica.** São Paulo: Armazém do Ipé, 2012.